ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO EM CÃES: IMPLICAÇÕES COMPORTAMENTAIS E FISIOLÓGICAS

Bianca Rodrigues de Figueiredo, Evelyn Freitas Penitente, Marina Passamani Marçal, Eduarda de Almeida Godoi, Karoline Abreu Inacio, Marshal Costa Leme, Felipe Berbari Neto

Universidade Federal do Espírito Santo/ Departamento de Medicina Veterinária/CCAE/UFES, - Caixa postal, 16, Alto Universitário – 29500-00, Alegre – ES, Brasil, biancar.figueiredo07@gmail.com, eve.penitente@hotmail.com, passamanimarina18@gmail.com, eduarda20.doc@gmail.com, karolineabreuinacio@gmail.com, marshalcl@gmail.com, berbarineto@hotmail.com

Resumo
A Síndrome da Ansiedade de Separação (SAS) é um transtorno comportamental caracterizado por alterações desencadeadas pela ausência da figura de apego, comprometendo o bem-estar físico e emocional dos cães. Durante a pandemia da COVID-19, a convivência prolongada entre tutores e animais intensificaram os vínculos afetivos, contribuindo para o surgimento de comportamentos relacionados à ansiedade. Entre as principais manifestações da síndrome estão a vocalização excessiva, comportamentos destrutivos e evacuação em locais errados. Além das alterações comportamentais, a SAS também está associada a importantes alterações fisiológicas, resultantes da ativação do sistema nervoso simpático e do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, desencadeando respostas cardiovasculares, respiratórias, imunológicas e reprodutivas. Assim, esta revisão bibliográfica teve como objetivo analisar as principais implicações comportamentais e fisiológicas da SAS, destacando a importância da ampliação das pesquisas sobre o tema e do desenvolvimento de estratégias que contribuam para a prevenção, o diagnóstico e o tratamento dessa condição.

Palavras-chave: Ansiedade. Fisiologia. Cães. Estresse. Comportamento animal.

Área do Conhecimento: Ciências da saúde. Medicina Veterinária

Introdução

Durante a pandemia de COVID-19, que teve início no ano de 2020 e decretada pela Organização Mundial da Saúde, o isolamento social gerou grandes impactos na rotina dos seres humanos, e de seus pets. Nesse período, houve um aumento de 30% no número de pets nas moradias brasileiras (GALILEU, 2021), sendo assim, os animais se acostumaram a ter a companhia de seus tutores na maior parte do dia, desenvolvendo mais proximidade, vínculo e apego (ROYAL CANIN, 2025). Esses animais, nesse cenário de reclusão, passaram a ocupar um papel ainda mais importante na conjuntura familiar, sendo tratados como seres humanos, inseridos em um contexto social parental. Entretanto, após o final da pandemia, com as atividades externas voltando a serem realizadas com normalidade, os pets, que antes estavam vivendo com seus tutores em contato constante, precisaram passar por um período de adaptação ou readaptação. A ausência prolongada do tutor em casa devido ao retorno do trabalho presencial ou híbrido, causou grande ansiedade, angústia e estresse nos animais domésticos (ROYAL CANIN, 2025). Esse apego e forma de humanização está frequentemente associada ao surgimento de alterações comportamentais desses animais (OVERAL,1977), entre as quais a Síndrome da Ansiedade de Separação em Animais (SASA), ou Síndrome da Ansiedade de Separação (SAS) se destaca como uma das mais recorrentes (MONTEIRO *et al*., 2020).

A SAS é considerada um transtorno de origem multifatorial, caracterizado por alterações comportamentais e fisiológicas, manifestadas pelo animal quando ocorre o afastamento da sua figura de apego. Nesse contexto, o tutor passa a ser o principal fator desencadeante do estresse (SILVA, 2024). Entre os sinais clínicos mais frequentemente observados estão a destruição de objetos e a vocalização excessiva, incluindo latidos, uivos e choros. Outros sinais, como defecação em locais

fora do esperado, tentativas de fuga, agitação, salivação excessiva e comportamentos compulsivos, também podem estar presentes.

Considerando os impactos da ansiedade de separação na saúde física e emocional dos cães, torna-se necessária a ampliação do conhecimento sobre essa condição. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo revisar a literatura científica disponível, sobre a síndrome da ansiedade de separação, enfatizando suas implicações comportamentais e fisiológicas.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, de natureza descritiva e abordagem qualitativa, realizada com o objetivo de reunir e analisar informações relacionadas à Síndrome da Ansiedade de Separação em cães, com ênfase em suas implicações comportamentais e alterações fisiológicas.

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio das bases de dados PubMed, SciELO e Google Acadêmico, utilizando os termos “ansiedade de separação em cães”, “separation anxiety dogs”, “comportamento animal”, “estresse”, relacionados à ansiedade de separação em cães, comportamento animal, estresse e alterações fisiológicas. Foram consideradas publicações disponíveis em português e inglês que apresentassem informações relacionadas à caracterização da síndrome, fatores associados ao seu desenvolvimento, manifestações comportamentais, alterações fisiológicas e impactos sobre o bem-estar dos animais.

Durante o levantamento, foram identificados artigos científicos, revisões e matérias de veículos de comunicação em massa relacionados ao tema. Foram selecionadas 11 referências que apresentavam conteúdo pertinente aos objetivos da revisão, disponíveis na íntegra, de maneira gratuita. Referências cujo acesso ao conteúdo integral, dependiam de pagamento, ou de cadastro para acesso, não foram incluídos na análise.

Após a seleção, as publicações foram analisadas e as informações relevantes organizadas de acordo com os principais aspectos abordados na literatura.

Resultados

O levantamento bibliográfico realizado, resultou na seleção de 11 trabalhos com acesso gratuito relacionados à Síndrome da Ansiedade de Separação em cães. Dentre os materiais selecionados, foram utilizados cinco artigos científicos, três revisões de literatura, sendo duas provenientes de trabalhos de conclusão de curso (TCC), e três publicações em sites de comunicação voltados para o público leigo. A partir da análise das fontes, foram identificadas informações relacionadas às manifestações comportamentais da síndrome, bem como às alterações fisiológicas associadas à resposta ao estresse.

Entre as manifestações comportamentais mais frequentes, descritas nos trabalhos analisados, destacam-se a vocalização excessiva, os comportamentos destrutivos, a eliminação de fezes e urinas em locais inadequados e as tentativas de fuga.

Overall (1977) relatou que esses comportamentos podem variar em intensidade, dependendo das características individuais do animal e do grau de dependência em relação ao tutor.

Além das alterações comportamentais, os estudos analisados evidenciaram importantes alterações fisiológicas associadas à resposta ao estresse. Entre as principais alterações observadas, estão o aumento da pressão arterial, a taquicardia, e taquipneia, a broncodilatação, o aumento do fluxo sanguíneo muscular e a hipossalivação (Melo, 2023).

Dentre as obras selecionadas, Melo (2023) destaca a participação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal nesse processo, especialmente por meio da liberação de glicocorticoides, como o cortisol. Esse hormônio atua no metabolismo energético, estimulando a gliconeogênese e disponibilizando fontes de energia rapidamente mobilizáveis para o organismo. No entanto, o aumento prolongado da concentração de glicocorticoides pode provocar efeitos prejudiciais, como a diminuição da resposta imunológica, a redução da produção de anticorpos e a diminuição do número de leucócitos circulantes (Melo, 2023).

Dessa forma, os estudos de Overall (1977), Stephen e Ledger (2007), Monteiro (2020) e Melo (2023) demonstraram que a ansiedade de separação exerce impacto significativo sobre o bem-estar animal, podendo comprometer a saúde física e emocional dos cães e prejudicar a relação entre os animais e

seus tutores. A partir disso, a identificação precoce dos sinais clínicos e a adoção de estratégias terapêuticas adequadas, são fundamentais para minimizar os efeitos da síndrome e melhorar a qualidade de vida dos animais acometidos.

Discussão

O isolamento social decorrente da pandemia afetou diretamente o comportamento das pessoas, gerando estresse, medo, angústia e outros sentimentos que fizeram com que o contato com os animais amenizasse tais percepções (BEZERRA, 2024). Outros fatores, como a permanência do home office em alguns casos, mesmo após o fim do período mais crítico da pandemia, também possibilitaram essa aproximação com os pets, principalmente com os cães. Dos donos de animais de estimação que existem hoje no Brasil, 23% só adotaram ou compraram seu primeiro pet, durante o período da crise sanitária da COVID-19 (ALMEIDA; BUONO, 2022).

Todavia, após o fim da pandemia, as atividades comerciais e sociais foram gradualmente retomadas, e os tutores passaram a permanecer mais tempo fora de casa. Esse período de readaptação representou um desafio para muitos cães que haviam se acostumado com a presença constante dos seus responsáveis. Como consequência, diversos animais passaram a apresentar comportamentos compatíveis com a Síndrome de Ansiedade de Separação (SAS), manifestando sinais como vocalização excessiva, destruição de objetos, eliminação inadequada, inquietação, tentativas de fuga, sialorreia e vômitos (ROYAL CANIN, 2024).

Em muitos casos, a dificuldade dos tutores em compreender e manejar esses comportamentos contribui para o abandono dos animais ou para a sua entrega a abrigos. Esse cenário é reforçado pelos achados de Stephen e Ledger (2007), que identificaram uma forte correlação entre as avaliações da ansiedade de separação realizadas pelos antigos tutores e aquelas realizadas pelos novos responsáveis após a adoção. Esses resultados sugerem que a SAS não está necessariamente associada ao vínculo com um indivíduo específico, mas representa uma condição que acompanha o animal mesmo após a mudança de ambiente, especialmente quando não há intervenção adequada (SARGISSON, 2014).

Além disso, a experiência do abandono e a permanência em abrigos, podem intensificar o quadro de ansiedade. A ruptura do vínculo com a figura de apego, as mudanças frequentes no ambiente, a imprevisibilidade da rotina e a limitação das interações sociais, tornam os animais institucionalizados mais suscetíveis ao desenvolvimento ou ao agravamento de alterações comportamentais, relacionadas à ansiedade, estabelecendo um ciclo que compromete significativamente o bem-estar desses cães.

As manifestações comportamentais representam os principais indicadores da ansiedade de separação em cães, e constituem um importante desafio para tutores e médicos-veterinários. Entretanto, esses comportamentos ainda são frequentemente interpretados como atos de desobediência ou falta de treinamento, o que pode dificultar o reconhecimento do transtorno e retardar a procura por assistência especializada. A vocalização excessiva, caracterizada por latidos, uivos e choros persistentes, é uma das manifestações mais comuns da síndrome e está diretamente relacionada ao sofrimento provocado pela ausência da figura de apego. Da mesma forma, a eliminação inadequada e as tentativas de fuga representam respostas comportamentais desencadeadas pelo estado de ansiedade e pelo desconforto emocional experimentado pelo animal durante os períodos de separação (MONTEIRO, 2020).

Os comportamentos destrutivos merecem atenção especial, pois, além dos prejuízos materiais, podem colocar em risco a integridade física dos cães. Em um relato descrito por Overall (1998), um cão com ansiedade de separação destruiu diferentes estruturas da residência e sofreu lesões graves, incluindo laceração da língua, fraturas dentárias e ferimentos no rosto e nas patas. Esse caso demonstra que as consequências da síndrome podem ultrapassar os danos ao ambiente doméstico e comprometer diretamente a saúde do animal.

As alterações comportamentais vistas em cães com SAS estão diretamente relacionadas com a ativação do sistema nervoso simpático. A resposta fisiológica desencadeada pela ansiedade está estreitamente associada aos mecanismos de adaptação do organismo diante de situações consideradas ameaçadoras. Nesse contexto, a ativação do sistema nervoso simpático desempenha um papel fundamental ao preparar o animal para reagir ao agente estressor. Esse processo desencadeia a liberação de catecolaminas, substâncias responsáveis por promover uma série de adaptações fisiológicas (MELO, 2023).

É importante destacar que a percepção do perigo não depende, necessariamente, da presença de uma ameaça real. O processamento dos estímulos pelo sistema nervoso pode desencadear respostas fisiológicas mesmo diante de situações interpretadas subjetivamente como perigosas. Assim, o organismo reage ao medo percebido por meio da ativação de mecanismos neurofisiológicos semelhantes aos observados em situações de risco efetivo (BOTTURA, 2007).

Quando a exposição ao agente estressor se mantém por um período prolongado, mecanismos endócrinos mais complexos passam a participar da resposta ao estresse. Nesse cenário, ocorre a ativação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, um importante sistema responsável pela regulação hormonal do organismo. A ativação desse eixo, estimula a produção do hormônio liberador de corticotrofina, que, por sua vez, induz a secreção do hormônio adrenocorticotrófico. Como consequência, ocorre o aumento da produção de cortisol pelas glândulas adrenais (MELO, 2023). Além da participação do cortisol, outros mediadores químicos, como a vasopressina, a adrenalina e a noradrenalina, também contribuem para a manutenção dessa resposta fisiológica. Os glicocorticoides produzidos durante esse processo exercem um papel importante na regulação do metabolismo energético, permitindo que o organismo utilize reservas corporais para suprir suas demandas durante períodos de estresse.

Embora a resposta ao estresse seja essencial para a sobrevivência, sua manutenção por longos períodos pode desencadear efeitos prejudiciais em diferentes sistemas do organismo. Entre as principais consequências está o comprometimento da resposta imunológica, uma vez que concentrações elevadas de glicocorticoides podem interferir na produção de anticorpos e reduzir a quantidade de células de defesa presentes na circulação sanguínea, além de provocar alterações metabólicas, endócrinas e reprodutivas. Estudos feitos por Brandão (2019), demonstram que a exposição prolongada ao estresse pode interferir na produção de hormônios relacionados ao crescimento, ao funcionamento da tireoide e à reprodução

Em suma, a análise conjunta desses dados evidencia que as manifestações comportamentais e as respostas fisiológicas da SAS não atuam de forma isolada, mas como partes integrantes de um mesmo estado crônico de estresse. A identificação clínica dos sinais comportamentais constitui a expressão exteriorizada de um desequilíbrio neuroendócrino sistêmico que compromete o organismo como um todo, destacando que a gestão eficaz da síndrome exige a integração entre o manejo comportamental, a readequação ambiental e o suporte à saúde física do animal.

Conclusão

A Síndrome da Ansiedade de Separação (SAS), ultrapassa a esfera dos desvios comportamentais e consolida-se como uma condição fisiológica sistêmica que compromete severamente a saúde geral e o bem-estar dos cães. Como demonstrado nesta revisão, o transtorno desencadeia uma cascata neuroendócrina crônica, medida pela hiperativação do sistema nervoso simpático e do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, cujos desdobramentos acarretam prejuízos concretos aos sistemas cardiovascular, respiratório, imunológico, metabólico e reprodutivo

Apesar do impacto multissistêmico da síndrome, persiste na literatura uma visão reducionista, que prioriza os incômodos comportamentais e negligência o sofrimento fisiológico subjacente. Superar essa lacuna exige uma mudança urgente de paradigma: é imperativo avançar na investigação dos mecanismos patofisiológicos e biomarcadores do estresse crônico, tratando a SAS não como uma mera queixa de manejo, mas como uma enfermidade complexa que exige abordagem médica integrada.

Em suma, redefinir a ansiedade de separação sob essa perspectiva holística é pré-requisito fundamental protocolos de prevenção, diagnóstico e terapia realmente eficazes. A difusão desse conhecimento é crucial para desmistificar a falsa ideia de “indisciplina”, capacitar os tutores no reconhecimento precoce da dor emocional do animal e, em última análise, preservar a integridade do vínculo homem-animal e combater a urgência do abandono.

Referências

BEZERRA, Bruno Henrique Resende. **O impacto da Pandemia da Covid-19 no Crescimento do Mercado Pet no Brasil: Revisão de Literatura.** Repositório Institucional do Unifip, [S. l.], v. 9, n. 1, 2025. Disponível em: https://editora.unifip.edu.br/repositoriounifip/article/view/6159. Acesso em: 18 ago. 2026.

BOTTURA**,** W**. Psiconeuroimunologia**. Revista de Medicina**,** São Paulo, vol. 1, ed. 86, p. 1-5, jan. 2007.

BRANDÃO, M. L**. Psicofisiologia.** 4.ed., Rio de Janeiro: Atheneu, 5 cap., jan. 2019. 124-159 p.
ALMEIDA, Emily; BUONO, Renata. *Os pets que vieram com a pandemia*. Revista piauí, 25 abr. 2022. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/web/os-pets-que-vieram-com-pandemia/. Acesso em: 19 ago. 2026.

GALILEU. Revista Digital. **Número de pets nos lares brasileiros cresce 30% durante a pandemia**. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Comportamento/noticia/2021/08/numero-de-pets-nos-lares-brasileiros-cresce-30-durante-pandemia.html. Acesso em: 17 ago. 2026.

MELO, Laura Bianchi de**. Ansiedade de separação em cães: revisão de literatura**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) **–** Universidade de Brasília, Brasília, 2023. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/45215/1/2023_LauraBianchiDeMelo_tcc.pdf. Acesso em: 19 ago. 2026

MONTEIRO, Bruna Pereira; ZANELLA, Janaína R.; LOPES, Mariana da Silva et al. **Ansiedade de separação em cães: uma revisão.** Ciência Rural, Santa Maria, v. 50, n. 11, 2020. DOI: 10.1590/0103-8478cr20190775. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cr/a/YFdxsTFZnzrHtH7RxfR7cXM/?lang=pt. Acesso em: 18 ago. 2026.

OVERALL, K. L**. Animal behavior case of the month: a dog was examined because of profound separation anxiety**. Journal of the American Veterinary Medical Association, v. 212, n. 11, p. 1702-1704, 1998.

ROYAL CANIN. **Ansiedade de separação em cães e gatos: causas, sinais e como ajudar.** Portal Vet – Royal Canin, [s.l.], 2024. Disponível em: https://portalvet.royalcanin.com.br/saude-e-nutricao/comportamento/ansiedade-de-separacao-em-caes-e-gatos/. Acesso em: 18 ago. 2026.

SARGISSON, Rebecca J. **Canine separation anxiety: strategies for treatment and management.** Veterinary Medicine: Research and Reports, v. 5, p. 143–151, 2014. DOI: 10.2147/VMRR.S60424. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7521022/. Acesso em: 19 ago. 2026.

SILVA, Beatriz de Toledo**. *A síndrome da ansiedade de separação em cães e os impactos no bem-estar animal*.** Anais do Congresso Científico da FAG, Cascavel, PR, 2024. Disponível em: https://www.fag.edu.br/novo/arquivos/anais/2024/Medicina%20Veterin%C3%A1ria%20-%20Beatriz%20de%20Toledo%20Silva.pdf. Acesso em: 18 ago. 2026.

STHEPEN J, Ledger R. **Perda da capacidade dos donos de cães de prever problemas comportamentais em cães de abrigo após a adoção.** Appl Anim Behav Sci . 2007;107(1–2):88–99. [Google Scholar].